REVISTA RAÍDO
FLUXO CONTÍNUO
OPEN ACCESS
UFGD editora
DOI: 10.30612/revi.v12i24.10093

Interacionismo Sociodiscursivo e Teoria da Atividade: Proximidades e Especificidades Teórico-meotodológicas

Sociodiscursive Interactionism and Activity Theory: Proximities and Theoretical-methodological Specifications

Everton Gelinski Gomes de Souza (Unicentro)
E-mail: evertonton_motreve@yahoo.com.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0476-9672

Resumo: Este ensaio tem como propósito traçar um paralelo entre os pressupostos do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1999) e da Teoria da Atividade (Leontiev, 1974/2014). Nesse sentido, apresentamos alguns dos principais pilares que sustentam cada uma dessas perspectivas, estabelecendo conceitos que se aproximam ou convergem para o mesmo prisma epistemológico, além de contribuições que consideramos pertinentes para o trabalho com gêneros textuais, tendo em vista a especificidade terminológica e conceitual desses construtos. Para tanto, abordaremos as definições de atividade, instrumento, linguagem e texto/discurso. O arcabouço de discussão segue, principalmente, as obras Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo (Bronckart, 1999); e Atividade, consciência e personalidade (Leontiev, 1974/2014). Parte das considerações conduzem ao fato de que a atividade, em ambas as perspectivas, é eleita como um dos instrumentos que levou o ser humano ao nível de desenvolvimento cognitivo e cultural tal qual se encontra. Nesse processo, a linguagem foi o instrumento semiótico que automatizou a comunicação na atividade, tornando a interatividade negociada, as significações teleológicas complexificadas em textos/discursos e o trabalho mais organizado. Para estudos sobre gêneros textuais, essas questões são relevantes porque sublinham fatores de mediação do ser humano com o mundo, a cultura e toda sua sócio-história.

Palavras-chave: Teoria da Atividade; Interacionismo Sociodiscursivo; Linguagem.

Abstract: This essay aims to draw a parallel between the assumptions of Sociodiscursive Interactionism (Bronckart, 1999) and Activity Theory (Leontiev, 1974/2014). In this sense, we present some of the main pillars that support each of these perspectives, establishing concepts that approach or converge to the same epistemological prism, in addition to contributions that we consider relevant to the work with textual genres, in view of the terminological and conceptual specificity of these constructs. For this purpose, we will consider the definitions of activity, instrument, language and text/discourse. The discussion framework mainly follows the works Language activity, texts and discourses: towards a sociodiscursive interactionism (Bronckart, 1999); and Activity, consciousness and personality (Leontiev, 1974/2014). Part of the considerations lead to the fact that the activity, in both perspectives, is chosen as one of the instruments that took human beings to the level of cognitive and cultural development as they are. In this process, language was the semiotic instrument that automated communication in the activity, making interactivity negotiated, teleological meanings complexified in texts/discourses and work more organized. For studies on textual genres, these questions are relevant because they underline human mediation factors with the world, culture and all of its social-history.

Key-words: Activity Theory; Sociodiscursive Interactionism; Language.

Recebido em: 31/05/2023

Aceito em: 31/07/2023

INTRODUÇÃO

Este ensaio representa o recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, cujo foco é o ensino do gênero acadêmico seminário, visto como instrumento de trabalho fundamental à construção dialética de saberes, à disseminação/compartilhamento de produção científica. Isso posto, tomamos a atividade como cerne das discussões que serão apresentadas, porque representa um aspecto fundamental para pensarmos no curso da evolução do ser humano e no desenvolvimento da sociedade. Ao nosso ver, essa abordagem auxilia na reflexão sobre o trabalho com base em gêneros, tendo em vista as perspectivas de ação colaborativa pela linguagem, do uso de instrumentos para mediação de tarefas e do progresso social injetadas na pesquisa citada.

Colocado esse pano de fundo, ao menos três questões sobre a atividade são fundamentais para justificar o recorte aqui disposto. A primeira está ligada ao aparecimento e ao uso da linguagem. Historicamente, a consciência humana se desenvolveu sob condições de trabalho engendradas numa base superior do psiquismo que é a linguagem. Graças à ela, a consciência humana atingiu níveis de significação suficientemente complexos, a ponto de distinguir a realidade objetiva do seu reflexo, como se discute na psicologia. Na tese de Marx e Engels, afirma Leontiev (1978/2004), a hominização do ser humano é marcada pelo surgimento do trabalho e, ao mesmo passo, pelo surgimento da linguagem. Para os autores, ela nasce das necessidades de comunicação, como uma forma de consciência prática que opera de modo concreto o lado teórico da realidade circundante, durante a realização do trabalho que coloca os indivíduos forçosamente em relação.

A segunda questão envolve o conceito de instrumento. Segundo Leontiev (1978/2004), uma das máximas de Engels (1876/2006) nos diz que a fabricação de instrumentos marca o início das operações do trabalho. De sua materialidade, presume-se a divisão técnica das funções dos indivíduos na atividade. É uma divisão “embrionária” (Leontiev, 1978/2004, p. 175), que incita ações e dispositivos de realização singulares. Nessa perspectiva, o instrumento nasce desse tipo de realização da atividade, porque ele “não é um simples objeto de forma exterior determinada e possuindo propriedades mecânicas definidas, ele manifesta-se-lhe como um objeto no qual se gravam modos de ação, operações de trabalho socialmente elaboradas” (Leontiev, 1978/2004, p.180).

A terceira questão reúne atividade, linguagem e instrumento. Conforme discute Leontiev (1978/2004; 1974/2014), a atividade precisamente humana implica em ações sobre a natureza do trabalho e sobre os indivíduos uns com os outros. Nessa conjuntura, certos movimentos estão ligados à demanda do trabalho, enquanto outros correspondem à necessidade de comunicação, de forma a organizar, hierarquizar e delimitar papéis dentro de cada bloco de produção. Segundo o autor (Leontiev, 1978/2004), graças à dupla função - uma de produtividade e outra de ação sobre os outros traduzida pela comunicação - e posteriormente, por conta da separação desses dois processos, é que nasce a linguagem.

A partir daí, quando as operações iniciais de trabalho - que sinalizavam para o interior a atividade externa - alcançam um novo nível no qual “o fim de uma ação entra numa segunda ação, enquanto condição de sua realização, ela transforma-se em meio de realização da segunda ação” (Leontiev, 1978/2004, p.112), então um novo passo é dado em relação ao desenvolvimento da consciência humana: elas se transformam em operações conscientes (Leontiev, 1978/2004). Entendemos que essas operações conscientes estão no nível da linguagem e, consequentemente, são operações de linguagem. Diante de todas essas condições, a atividade e a linguagem são postas sobre a mesa como instrumentos históricos do desenvolvimento social dos seres humanos

Isso tudo nos leva à tomada de consciência sobre o texto, a terceira questão em tela. Por seu lado, o texto aparece como produto da atividade e da linguagem. Ele carrega a expressão das ideias que surgem com o conteúdo do trabalho, em formas organizadas de acordo com a estrutura de funcionamento da atividade. Como resultado, constituem-se em unidades de comunicação (Bronckart, 1999) porque, além do que foi dito, resultam da troca informacional que ocorre na conjuntura de cada atividade, de cada situação específica de interatividade que acontece e se consolida nesse âmbito.

Elucidadas as relações anteriores, acrescentemos ainda a circunstância em que as representações sobre o mundo físico (Bronckart, 1999), os parâmetros sociais de organização do trabalho e o funcionamento da atividade encontram-se imbricados na produção de linguagem que formata o texto (Bronckart, 2008). Nesse contexto, inclui-se valores latentes à construção cultural, princípios ideológicos, éticos, políticos que influenciam o estado de ideias sobre os quais se apoiam os indivíduos nas práticas micro situadas de atividade. À essa circunstância designa-se a construção de outro instrumento: o gênero textual.

Em detrimento dessas relações que efetuamos, o ensaio tem como objetivo traçar um paralelo entre os pressupostos do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1999) e da Teoria da Atividade (Leontiev, 1974/2014). Nesse sentido, apresentamos alguns dos principais pilares que sustentam cada uma dessas perspectivas, estabelecendo conceitos que se aproximam ou convergem para o mesmo prisma epistemológico, além de contribuições que consideramos pertinentes para o trabalho com gêneros textuais, tendo em vista a especificidade terminológica e conceitual desses construtos.

Para tanto, focaremos especificamente nas definições subjacentes aos conceitos de atividade e de linguagem, bem como no papel que exercem sobre o desenvolvimento, conforme se discute também com as concepções de instrumento e texto/discurso. O arcabouço de discussão segue principalmente as obras Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo (Bronckart, 1999); e Atividade, consciência e personalidade (Leontiev, 1974/2014). Feitas essas considerações iniciais, passamos para a próxima seção para tratarmos dos conceitos mencionados e tecermos reflexões.

ATIVIDADE, LINGUAGEM E TEXTO/DISCURSO COMO INSTRUMENTOS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Para iniciarmos a discussão, é importante salientarmos que a própria constituição do sintagma relativo à intitulação do quadro Interacionismo Sociodiscursivo possui origens demarcadas ideologicamente. De acordo com Bronckart (1999), uma das pedras fundamentais desse projeto é o interacionismo social, articulado por trabalhos como os de Vygotsky, Habermas e Ricoeur. Com base nessa perspectiva, o contexto da atividade é o espaço fulcral de interação e de comunicação motivados objetivamente, cujos propósitos emanam das formações sociais e, no seio do seu funcionamento é que se “constroem as ações imputáveis a agentes singulares” (Bronckart, 1999, p.13). É nesse mesmo contexto da atividade em que as ações ocorrem que capacidades mentais e consciência são desenvolvidas. Nesse processo, parte das ações são concebidas de maneira verbal nas trocas interacionais, e, a semiotização do conceito de agir é completada por essa condição denominada como “ação de linguagem” (Bronckart, 1999, p.13).

Para Bronckart (1999), a ação de linguagem é, propriamente, uma unidade psicológica. A implicação mais imediata do sentido desse conceito é o grau de relevância para o estudo da formação da consciência e para o desenvolvimento humano. Nessa perspectiva, uma determinada ação de linguagem materializa certas representações dos indivíduos sobre a dinâmica relativa ao comportamento que precisa ser tomado numa atividade e, de igual modo, sobre as unidades da língua mobilizadas no processo de interação verbal e outras formas semióticas de significação que resultam desse contexto propriamente social e histórico.

Ao nosso ver, esse construto coloca tanto a atividade quanto a linguagem num grau primário em relação ao conjunto de condições necessárias à formação da consciência e ao desenvolvimento humano, assim como também pontua Leontiev (1974/2014). Aliás, para este último autor, a maior fragilidade de certas pesquisas em psicologia sobre a consciência pairou historicamente na negligência do seu surgimento "no processo de interação social e pressupondo o funcionamento da linguagem" (Leontiev, 1974/2014, p.10), sempre na ambiência de determinada atividade.

Nesse sentido, tanto Bronckart (1999) quanto Leontiev (1974/2014) compreendem a atividade como uma dimensão de trabalho fundamentalmente colaborativo, conduzida por meio de linguagem e instrumentos dotados de sentidos constituídos de maneira simbólica, à medida em que são endereçados a propósitos específicos dessa própria atividade. Em outras palavras, são formas representadas de agir sobre o objeto da atividade, decorrentes das negociações que ocorrem no curso de sua própria história.

No entanto, os esforços de Leontiev (1974/2014) foram no sentido de compreender as categorias mais importantes para o estudo da origem, função e estrutura do reflexo psicológico da realidade. À guisa disso, seu foco foi necessariamente observar como o reflexo psicológico parteja as condições de surgimento da psique que, no que lhe concerne, evoca a atividade como a principal mola propulsora de parte dessas condições. Metodologicamente, o trabalho de Leontiev (1974/2014) estabeleceu a atividade, a consciência e a personalidade como as categorias científicas eleitas em sua análise.

Bronckart (1999), por sua vez, retoma essa discussão leontieviana, mas direciona suas lentes para as dimensões discursivas/textuais da atividade, cunhando na literatura do interacionismo o termo atividade de linguagem. Em sua concepção, existe uma noção mais geral de atividade que "designa as organizações funcionais de comportamento dos organismos vivos, através das quais eles têm acesso ao meio ambiente e podem construir elementos de representação interna" (Bronckart, 1999, p. 31).

Sob esse prisma, as representações sobre as ações estão ainda num nível descrito por Bronckart (1999) como idiossincrático, ou seja, por mais que sejam construídas em processos colaborativos e condicionados pela cadeia hierárquica organizacional dos indivíduos, a natureza de comunicação nesse nível de atividade é acionadora em essência. Não há negociação entre os pares, apenas correspondência direta entre "sinal" e "resposta comportamental" (Bronckart, 1999, p. 32), ao passo que o meio natural é regulador direto das representações e a resposta dos indivíduos é puramente acional.

Quando signos dotados de certa autonomia tornam-se um meio de realização da atividade, o nível das representações se torna diferente: elas passam a ser "semiotizadas" (Bronckart, 1999, p. 35) e, portanto, viabilizam a organização de atividades particulares, já distanciadas da regulação natural do meio. Mas, é na imersão de uso de um sistema complexo de comunicação e produção de sentidos que o caráter semiotizado das ações transforma-se radicalmente.

Esse sistema complexo é a linguagem que, organizada por suas dimensões textuais e discursivas, permite negociações, trocas simbólicas, figurações e a consequente (re)organização da atividade que, daí em diante, constitui-se atividade de linguagem (Bronckart, 1999). Nesse nível, as representações alcançam um patamar mais elevado, no qual valores, normas e regras são categoricamente determinantes para a formação e manutenção de grupos sociais que se definem ou se distinguem pela aliança com esses fatores representacionais. Por todas essas razões, os objetos científicos de estudo propostos no quadro do Interacionismo Sociodiscursivo são a atividade de linguagem, os textos e os discursos.

As duas perspectivas colocadas na esteira deste ensaio, cada uma com as suas demarcações terminológicas e conceituais singulares, encabeçam a atividade humana como ambiente de cultura favorável à formação da consciência e ao desenvolvimento humano. Pelo que podemos compreender, isso ocorre porque a atividade é um locus de ações colaborativas multifacetadas, cuja organização de funcionamento prevê a designação de funções/papéis hierárquicos e, portanto, as relações que lá acontecem são sempre semióticas e de profunda significação graças à complexidade da linguagem que as medeia.

Isso tudo afeta a experiência direta com a materialidade do objeto motivo das ações, causando diferentes mudanças no organismo humano, em níveis e intensidade determinados pela cultura socio-histórica em que está imerso. Ao nosso ver, essas são as circunstâncias principais que inspiram Bronckart (1999) e Leontiev (1974/2014)

a se debruçarem sobre a atividade como a gênese metodológica da relação entre os seres humanos, o meio e seu desenvolvimento. A atividade é o início de tudo.

Feitas essas considerações, damos continuidade ao ensaio destacando a linguagem como um mecanismo responsável por outorgar, às formas primitivas de relações de trabalho e dos seres humanos com os objetos do mundo, mudanças radicais e significativas que levaram, ao mesmo tempo, novas significações sobre as necessidades humanas e o estabelecimento daquilo que entendemos como práticas sociais. Essa perspectiva sobre a linguagem é assinalada em ambos os quadros do Interacionismo Sociodiscursivo e da Teoria da Atividade, e, por essa razão, vamos comenta-la à luz de suas territorialidades conceituais.

No que concerne ao Interacionismo Sociodiscursivo, a linguagem é central para a compreensão histórica do desenvolvimento humano (Bronckart, 1999; 2008). Ela permitiu que nos comunicássemos de um modo não experimentado por outros animais. Pelas vias da linguagem, a construção de significados no trabalho seguiu um novo fluxo, no qual as leis aparentemente naturais de regulação das ações dos indivíduos sobre os objetos deram lugar, pelo que descreve Bronckart (1999), a um sistema de atividade cognitiva que tornou possível infinitas negociações de sentidos.

Na Teoria da Atividade, a interpretação da linguagem é também realizada à luz das condições social e histórica do trabalho. Diante desse cenário, percebemos a presunção de Leontiev (1974/2014) a respeito da existência de um vínculo epistemológico entre a linguagem e o surgimento do pensamento enquanto aspecto do reflexo consciente. Segundo o autor, ao contrário de outros animais, o ser humano não permanece para sempre orientado apenas pelo objeto ou por suas necessidades biológicas, mas pelas variadas condições de adaptação às situações que vivencia.

Esse panorama, em meio à conjuntura da Teoria da Atividade, é descrito como fase de “preparação” (Leontiev, 1978/2004, p.84), em que há o surgimento do pensamento pela realização de uma atividade já independente, pois as ações são orientadas pelos sentidos que as condições da atividade podem gerar nos indivíduos, tornando-se - à medida em que modos mais complexos de compreensão assumem o lugar das percepções primárias - atividade interna/mental. A linguagem, nesse contexto, é a existência de uma maneira particular de reflexo consciente da realidade, ou um mecanismo de mediação do pensamento que torna possível a “significação objectiva e estável determinada” (Leontiev, 1978/2004, p.85) dos objetos e das próprias condições de realização da atividade.

Nesse mesmo caminho, a associação entre pensamento e linguagem, no quadro da Teoria da Atividade, deriva do caráter social dos fins da ação intelectual do homem. Cabe, para a relação dos termos em evidência, tratarmos de suas definições conceituais. O pensamento tem origem nas condições sociais da vida do indivíduo, que influenciam diretamente no significado de suas necessidades e da própria atividade. Na definição de Leontiev (1978/2004), pensamento é,

> [...] em sentido próprio, o processo de reflexo consciente da realidade, nas suas propriedades, ligações e relações objectivas incluindo mesmo os objetos inacessíveis à percepção sensível imediata. O homem, por exemplo, não percebe os raios ultravioletas, mas nem por isso desconhece a sua existência e suas propriedades. Que torna possível este conhecimento? Ele é possível por via de mediações. É esta via que é a via do pensamento. O seu princípio geral é que submetemos as coisas à prova de outras coisas e, tomando consciência das relações e interações que se estabelecem entre elas, julgamos a partir das modificações que aí percebemos, as propriedades que não nos são directamente acessíveis (p. 84).

Entendemos, diante dessa citação, que a linguagem é uma das vias de mediações do pensamento, porque ela importa “reflexões generalizadas da experiência da prática social” (Leontiev, 1974/2014, p. 24). Como menciona o próprio autor, “cada pessoa separada se torna um sujeito do pensamento se somente controlando a linguagem, a compreensão e a lógica” (Leontiev, 1974/2014, p. 24). Nessa perspectiva, a linguagem é meio pelo qual a interação humana seguiu caminhos de significações sociais conscientemente formuladas, constitutivas do pensamento.

No quadro do Interacionismo Sociodiscursivo, os princípios epistemológicos e ontogenéticos sobre linguagem e pensamento seguem orientações metodológicas e conceituais muito próximas com as da Teoria da Atividade. A razão aparente desta condição é que Bronckart bebe das fontes vigotskiniana e marxista sobre linguagem e pensamento, como procede Leontiev em seus trabalhos. Todavia, como já dissemos neste ensaio, o prisma ergonômico dos autores possui singularidades.

De um lado, Leontiev (1974/2014) discute linguagem e pensamento com vista à constituição da formação da consciência, numa perspectiva vygotskyniana dessa relação (Vygotsky, 1987/2008). Nesse propósito, a atividade é retomada como fio condutor da comunicação e da interação dos indivíduos, pois fornece as condições necessárias para o uso da linguagem no nível da formação do pensamento consciente.

De outro lado, Bronckart (1999; 2008) detalha a linguagem pelo viés da comunicação na atividade, partindo, inclusive, dos trabalhos de Leontiev e da base vygotskyniana que acabamos de citar. O progenitor do Interacionismo Sociodiscursivo postula que a linguagem é multifacetada em termos de dimensões comunicacionais (Bronckart, 1999). Dentre suas formas encarnadas na expressão humana, o autor elucida os gestos, as expressões faciais, a tonalidade e a intensidade de voz. Entretanto, é no aparato verbal que se encontra o ponto culminante da evolução da comunicação de nossa espécie e, portanto, para a teoria do Interacionismo Sociodiscursivo.

Segundo Bronckart (1999), a língua é esse aparato; uma forma particular da linguagem que conferiu às representações dos indivíduos sobre o mundo níveis mais elevados de simbolismos. No que compete à sua definição, a língua é um sistema social de signos verbais, com regras e características específicas de funcionamento que ocorre em torno de unidades linguísticas interrelacionadas (Bronckart, 1999). Esse sistema é responsável por assegurar a descrição de questões amplas como crenças, valores, normas, produção artística, expressão educacional, política e familiar, para citar algumas das forças simbólicas que formatam a cultura presente na atividade comunicativa.

Nesta forma de entendimento relativa à dimensão comunicacional, Bronckart (1999; 2004) sublinha que pela força de uso dos sistemas das línguas e, da mesma forma, pela imbricação de parâmetros de realização do trabalho nas ações de linguagem, unidades de comunicação são formadas nas atividades sociais. Essas unidades são produtos da dimensão verbal da linguagem e aparecem como “correspondentes empíricos” (Bronckart, 2004, p. 318) da atividade, evocados sob a forma de textos.

A propósito, por entender o papel medular do texto para a atividade e para as ações de linguagem dos seres humanos, Bronckart (1999) insere a abordagem das dimensões textuais e discursivas da linguagem no quadro metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo. A razão propriamente dita desse enfoque é a qualidade *sui generis* de tais dimensões, as quais deram origem à formação de instrumentos semióticos/linguageiros que permitiram ao ser humano novas relações e processos de significação na atividade. Vejamos como essas dimensões são abordadas.

Em primeiro lugar, a atividade é precipuamente “dialética” (Bronckart, 1999, p. 22), o que significa que existe um princípio de cooperação social que supera a realização individual, pressupondo sempre a linguagem como mecanismo mediador. Em

meio a essa conjuntura de caráter dialético, surgem “propriedades específicas das condutas humanas” como consequência “de um processo histórico de socialização, possibilitado especialmente pela emergência e pelo desenvolvimento dos instrumentos semióticos” (Bronckart, 1999, p. 21).

Nessa mesma esteira são colocadas as condições circunstanciais que integram a realização da atividade: Bronckart (1999) ressalta que além do reconhecimento das dimensões sociais que influem no arranjo de ações colaborativas, é necessário também compreender as dimensões verbais da atividade. Neste último nicho é que entram as dimensões textuais e discursivas, responsáveis pelo calço semiótico do(s) instrumento(s) da(s) atividade(s).

Em segundo lugar, essas dimensões são destacadas pelo autor porque, acima de tudo, representam a linguagem no grau de um funcionamento psíquico consciente (Bronckart, 1999). Nesse sentido, “textual” e “discursivo” remetem às formas complexas de organização da linguagem, surgidas no curso da história da atividade do ser humano como instrumentos capazes de modificar a sua relação com o mundo, tornando-o um lugar de fatos sociais, de significações e simbolismos expressos em diferentes formas que compõem a cultura.

Dito isso, a dimensão textual pressupõe a presença de uma unidade de comunicação gerada, em todo o tempo, a fim de atender a um propósito comunicativo específico (Bronckart, 1999; 2008). Essa unidade é o texto, cujo significado é dialético, dependente de elementos do contexto de produção e, portanto, não pode ser interpretado isoladamente (Bronckart, 1999). Ele é um dos meios, segundo Bronckart (1999), pelo qual a atividade de linguagem é organizada, gerenciada e modificada.

Há razões singulares para essas funções. De um lado, na atividade as ações de linguagem são mais “abstratas” (Bronckart, 1999, p. 48), porque respondem a certos princípios teleológicos da relação sujeito-objeto, mas também às “pretensões à conformidade em relação às regras sociais” (Bronckart, 1999, p. 43). O texto, por outro lado, é um “objeto mais concreto” (Bronckart, 1999, p. 48) inscrito nesse mesmo quadro que a ação de linguagem, mas sob a estrutura de funcionamento de uma língua natural.

Por conta dessas máximas, a organização da atividade se dá a partir da corporificação do referente da ação na forma de um tema, geralmente dividido em partes menores conectadas visando a orientação e tratamento do tema (Bronckart, 2008). O texto também é capaz de gerenciar categorias de expressão que surgem com determinadas intenções comunicativas, como ocorre com os tipos de discurso (Bronckart,

1999), ou ainda, utilizar-se de unidades menores da língua para assegurar a posição enunciativa e a assinatura temática do produtor por meio de mecanismos enunciativos, e, da mesma forma, assegurar coesão e coerência temática pela operacionalização de mecanismos de textualização.

Obviamente outras formas de linguagem poderiam ser incorporadas à dimensão textual tais como imagens, gestos e sonoridades. No entanto, como já posto, a discussão bronckartiana sobre o caráter semiótico dos instrumentos das atividades colocado sobre a mesa foca, no quadro de referência que utilizamos (Bronckart, 1999), na dimensão verbal de sua categorização. Para Bronckart (1999), não há outra materialidade ou forma empírica que nos permita observar e estudar a relação entre as ações de linguagem, a construção de sentidos nas atividades dos sistemas sociais e o desenvolvimento humano. Consequentemente, é por meio da apropriação das formas mais complexas de construção textual que a consciência se modifica (Bronckart, 1999). Do mesmo modo, certas capacidades mentais responsáveis pela produção e/ou compreensão de um texto alcançam níveis de operações cada vez mais profundos, ligados à inteligibilidade sobre a atividade.

Então, o ponto-chave da abordagem das dimensões textuais/discursivas é que elas instauraram, no decorrer da história da sociedade, condições ainda mais favoráveis de comunicação e de trabalho. Nessa linha de pensamento, o texto constitui-se instrumento semiótico porque estabelece coordenadas de interação particulares a uma atividade micro situada e promove o alinhamento entre os parâmetros da atividade e o uso da linguagem. Sob essas condições mais bem organizadas relacionas com a dimensão verbal discutida por Bronckart (1999), o texto aparece, portanto, na forma de um sistema de significação capaz de revelar o discurso das práticas sociais, processos da cultura e funcionamento da própria linguagem. Para o Interacionismo Sociodiscursivo, o texto é um instrumento semiótico fundamental à evolução da sociedade e à transformação das formas de pensamento humano.

Na Teoria da Atividade, os efeitos sinérgicos da linguagem e o papel dos instrumentos na mediação da atividade foram também destacados por Leontiev (1974/2014). Para tanto, o autor percorreu os caminhos da psicologia dos processos cognitivos, caminhando principalmente sobre vias marxistas a respeito do desenvolvimento do reflexo psíquico do ser humano na atividade.

Pautado, assim como Bronckart, numa concepção materialista, histórica e dialética da atividade, Leontiev (1974/2014) retrata essa parte do psiquismo humano como

um mecanismo mediador e regulador dos processos da atividade interna/cerebral e a atividade externa/social do sujeito. Nesse caso, tanto a mediação quanto a regulação derivam sempre do estabelecimento da interatividade do sujeito decorrente do trabalho. Mas qual é a relação desses pressupostos com a questão do instrumento?

Nos termos de Leontiev (1974/2014),

> Trabalho é o instrumento que coloca o homem não somente a frente dos objetos materiais, mas também a frente de sua interação, o qual ele mesmo controla e reproduz. Neste processo, o conhecimento do homem dos objetos ocorre excedendo as possibilidades do reflexo sensorial direto. Se na ação direta, "sujeito-objeto", o último revela suas propriedades somente dentro de limites condicionados pelo tipo e grau de sutileza que o sujeito pode sentir, então no processo de interação mediada por um instrumento, o conhecimento vai além desses limites. (p.25) (aspas no texto original).

Com base nessa citação, fica evidente que o trabalho, enquanto atividade colaborativa social, é o instrumento capaz de mudar o reflexo sensorial direto, caracterizado pelas sensações e percepções que experimentam os indivíduos em um grau mais elementar, como uma "forma básica de conhecimento" (Leontiev, 1974/2014, p. 22) gerida na ação direta sujeito-objeto.

Essa mudança ocorre de tal forma que o ser humano seja capaz de compreender, engajar-se e transformar o ambiente no qual profere suas ações. Nessa perspectiva, o reflexo sensorial direto "alcança um alto grau de perfeição no processo de desenvolvimento histórico do homem" (Leontiev, 1974/2014, p. 22), porque o trabalho enquanto instrumento muda a percepção do sujeito sobre o objeto. Cabe então dizer como o instrumento realiza tal feito que promove o surgimento do reflexo consciente, objeto de interesse de Leontiev (Leontiev, 1974/2014) e, segundo ele, o requisito mais importante para a psicologia humana.

Num estágio primário em que a realidade afeta os indivíduos, a expressão do reflexo sensorial direto aparece na forma de emoções, as quais são manifestadas como reação a qualidades ainda isoladas dos objetos do mundo (Leontiev, 1974/2014). As emoções surgem nas condições objetivas do trabalho e realizam a sinalização interna, orientando a respeito do mundo objetivo. Num segundo estágio surgem os sentimentos, quando as emoções adquirem sentidos que transcendem a significação oriunda do binômio relacional sujeito-objeto, em razão da influência de um ou mais aspectos culturais que circundam a atividade. Nessa conjuntura, a linguagem é o mecanismo

que opera de maneira determinante para o surgimento desse processo mais complexo de significação, excedendo os “limites flutuantes da sensorialidade” (Leontiev, 1974/2014, p. 25).

Desse modo, é no trabalho que o lado teórico dos objetos é isolado, que a linguagem assume o papel fundamental e decisivo da significação na forma de percepção, como consciência real e também prática (Leontiev, 1974/2014). À vista disso, não apenas o trabalho é um instrumento, mas também a linguagem porque ela representa a prática subjacente ao trabalho que, por sua vez, determina a atividade do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que pudemos observar neste ensaio, o trabalho/atividade é uma condição exordial à inteligibilidade dos processos de desenvolvimento humano, em ambos os arcabouços discutidos. Na Teoria da Atividade (Leontiev, 1974/2014), sua integração foi feita precisamente às custas da necessidade de uma ciência da Psicologia que considerasse a subjetividade, no intuito de entender os movimentos que caracterizam a construção interna da consciência individual, sempre no caminho da interconexão com as formas de psique da consciência coletiva. Nessa esteira, foram somados aos elementos psicológicos, como consciência, reflexo psíquico da realidade e pensamento, as condições sociais e históricas de realização do trabalho. Tais condições foram então traduzidas pela materialidade, pela objetividade e pelas representações sobre motivos, objetivos, parâmetros de funcionamento e de organização da atividade.

Entendemos que, apesar do seu trabalho ter visado contribuições para o campo da psicologia, Leontiev acabou por abrir os olhos de pesquisadores que possuem interesse pelo estudo de gêneros textuais para um aspecto importante: as condições sociais, históricas e culturais precisam de lapidação e detalhamento em relação à sua gênese de operações sobre a vida dos seres humanos nas diferentes atividades. Esta alegação respalda a ideia que propomos de observarmos a atividade como processo(s) de significações, a qual prevê a análise da influência da cultura e de parâmetros da atividade em si na construção de representações e no uso da linguagem nas mais variadas “esferas de atividades”, no sentido bakhtiniano do termo (Bakhtin, 1997).

Em outras palavras, um método para a atividade como processo(s) de significações precisaria alinha-los com a constituição de seus gêneros porque, como diria Bakhtin (1997, p. 284) “cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especi-

ficidade [...] uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero". Com isso, precisaríamos concatenar elementos descritos na Teoria da Atividade com fundamentos de definição e manifestação pela linguagem das questões ideológicas, políticas, econômicas, artísticas, para citar algumas e, nisso, incluirmos a relação desse processo com a produção dos gêneros textuais porque, ao nosso ver, estes artefatos são respostas do funcionamento do reflexo psicológico da realidade.

Além das considerações citadas, do mesmo modo, vimos à luz do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1999) que a atividade humana, no nível sócio histórico de significação que conhecemos, constituiu-se atividade de linguagem. Com a manifestação de sua dimensão verbal, ela representou a principal marca na transformação histórica no nível das ações dos indivíduos no trabalho, conferindo modificações radicais na comunicação e na organização das tarefas colaborativas. Basicamente, a organização em sociedade de nossa espécie decorre, dentre outras questões, da comunicação alicerçada pela negociação de sentidos, sistematizados por meio das línguas naturais e organizados em unidades textuais/discursivas, orientadas pelas necessidades da prática e da interação propriamente dita.

Pelo que observamos no corpo deste ensaio, o Interacionismo Sociodiscursivo segue a premissa de que nenhum aparato psíquico isolado pode se desenvolver, ao nível do pensamento consciente, a não ser quando o sujeito se encontra em atividade. À guisa disto, cabe, sob um ponto de vista da psicologia da linguagem, pensarmos na formação do reflexo psicológico da realidade levando em consideração sua inseparabilidade dos períodos que conferem sua origem e dos fatores de mediação do sujeito com a atividade. A linguagem, nessa conjuntura, é o principal instrumento simbólico de mediação e, por isso, é central no quadro do Interacionismo Sociodiscursivo.

Por tratá-la sob o viés de uma atividade de linguagem, fica evidente que Bronckart se reveste de uma epistemologia ligeiramente inclinada a certas nuances gnosiológicas, por exemplo, pelo apanhado sobre as formações das representações e também pela ênfase no estudo das dimensões textuais/discursivas. Com relação às primeiras nuances, suas contribuições podem ser vistas, a título de ilustração, pela teorização do desenvolvimento das representações, estruturadas em níveis idiossincrático, semiotizado e de atividade de linguagem. Esta tese auxilia na compreensão das relações existentes entre atividade, representações, linguagem e significação, em diferentes estágios de tomada de consciência pelos seres humanos na realização do trabalho.

No entanto, parece-nos viável que uma abordagem das representações seja considerada nos estudos da linguagem e da atividade. Sua ancoragem é indispensável à compreensão da expressão das realidades social e subjetiva na produção do trabalho. Além disso, o estudo das representações enquanto aspecto metodológico da ciência da atividade de linguagem (Bronckart, 1999), ou mesmo da atividade/trabalho (Leontiev, 1974/2014), pode conduzir ao resgate de informações importantes sobre processos ligados à consecução da experiência humana, tais como os processos de ancoragem e de familiarização das representações (Moscovici, 2015), cunhados na Psicologia Social.

Em vias de finalizarmos as considerações finais, ressaltamos que, em ambas as perspectivas teórico-meotodológicas (Leontiev, 1974/2014; Bronckart, 1999), o ser humano, social, dotado de capacidades cognitivas que o colocam em ação no mundo, com outros indivíduos, ultra producente, deve à atividade a organogênese do seu desenvolvimento. Para o leitor deste ensaio dizemos que, tanto para Leontiev quando para Bronckart, a linguagem foi historicamente o instrumento semiótico que automatizou a comunicação na atividade, tornando a interatividade negociada, as significações teleológicas complexificadas em textos/discursos e o trabalho mais organizado.

Obviamente não esgotamos as considerações que podem ser feitas e, da mesma forma, o paralelo entre as teorias e suas potenciais contribuições para estudos sobre gêneros. Todavia, dentro dos limites do recorte de que dispusemos, reconhecemos a importância dos dados abordados neste ensaio porque sublinham fatores de mediação do ser humano com o mundo, a cultura e toda sua sócio-história. No caso dos gêneros textuais, essa materialidade é estendida por meio do domínio da linguagem.

Deixamos, para discussões futuras, a definição das noções de texto e discurso no quadro do Interacionismo Sociodiscursivo e na Teoria da Atividade. Temos em vista que Bronckart (1999) se debruça sobre essas definições de forma a colocá-las, metodologicamente, como recursos de uma análise descendente de gêneros textuais, ao passo que Leontiev (1974/2014) não toma partido de suas propriedades constitutivas. Ao invés disso, enfatiza o preenchimento sobre funções comunicativas e de conhecimento humano do discurso.

Por fim, com a devida relevância sobre a atividade que, por vezes destacamos neste ensaio, entendemos que também é necessário o diálogo a respeito da noção de atividade geral. A compreensão de Bronckart (1999) sobre essa questão está ligada às representações ainda idiossincráticas das ações dos seres humanos. Entretanto,

alguns trabalhos desenvolvidos sob o pano de fundo do Interacionismo Sociodiscursivo, como ocorre com as pesquisas sobre capacidades de significação (Cristovão; Stutz, 2011; Souza; Stutz, 2019), a atividade geral está harmonizada com percepções complexas que perfazem a cultura como as ideologias, a política, dentre outras e, consequentemente, estão mais próximas da atividade como processo de significação como discorremos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos:* por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999.

BRONCKART, J. P. Entrevista com Jean-Paul Bronckart. Entrevista concedida à Anna Rachel Machado. *Revista DELTA*, v. 20, n. 2, p. 311-328, 2004.

BRONCKART, J. P. *O Agir nos Discursos:* das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

CRISTOVÃO, V. L. L; STUTZ, L. Sequências Didáticas: semelhanças e especificidades no contexto francófono como LI e no contexto brasileiro como LE. In: SZUNDY, P. T. C. et al. (orgs.). *Linguística Aplicada e Sociedade:* ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro. Campinas: Pontes Editores, 2011, p. 17-40.

ENGELS, F. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem. *Revista Trabalho Necessário*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 1-9, 1876/2006. Disponível em: https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4603/4239. Acesso em 12 de maio de 2023.

LEONTIEV, A. N. *Atividade, consciência e personalidade*. Tradução de Marcelo José de Souza e Silva, 1974/2014. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/leontiev/1974/06/Atividade-Consciencia-Personalidade.pdf. Acesso em 20 de abril de 2023.

LEONTIEV, A. N. *O Desenvolvimento do Psiquismo*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 2. ed. São Paulo: Centauro, 1978/2004.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais:* investigações em psicologia social. Traduzido por Pedrinho A. Guareschi. 11. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

SOUZA, E. G. G. de; STUTZ, L. O (re)conhecimento da sócio-história nas capacidades de significação: conceitos necessários para operacionalização de linguagem e didatização de gêneros. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 58, n.3, p. 1113-1133, 2019.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987/2008.